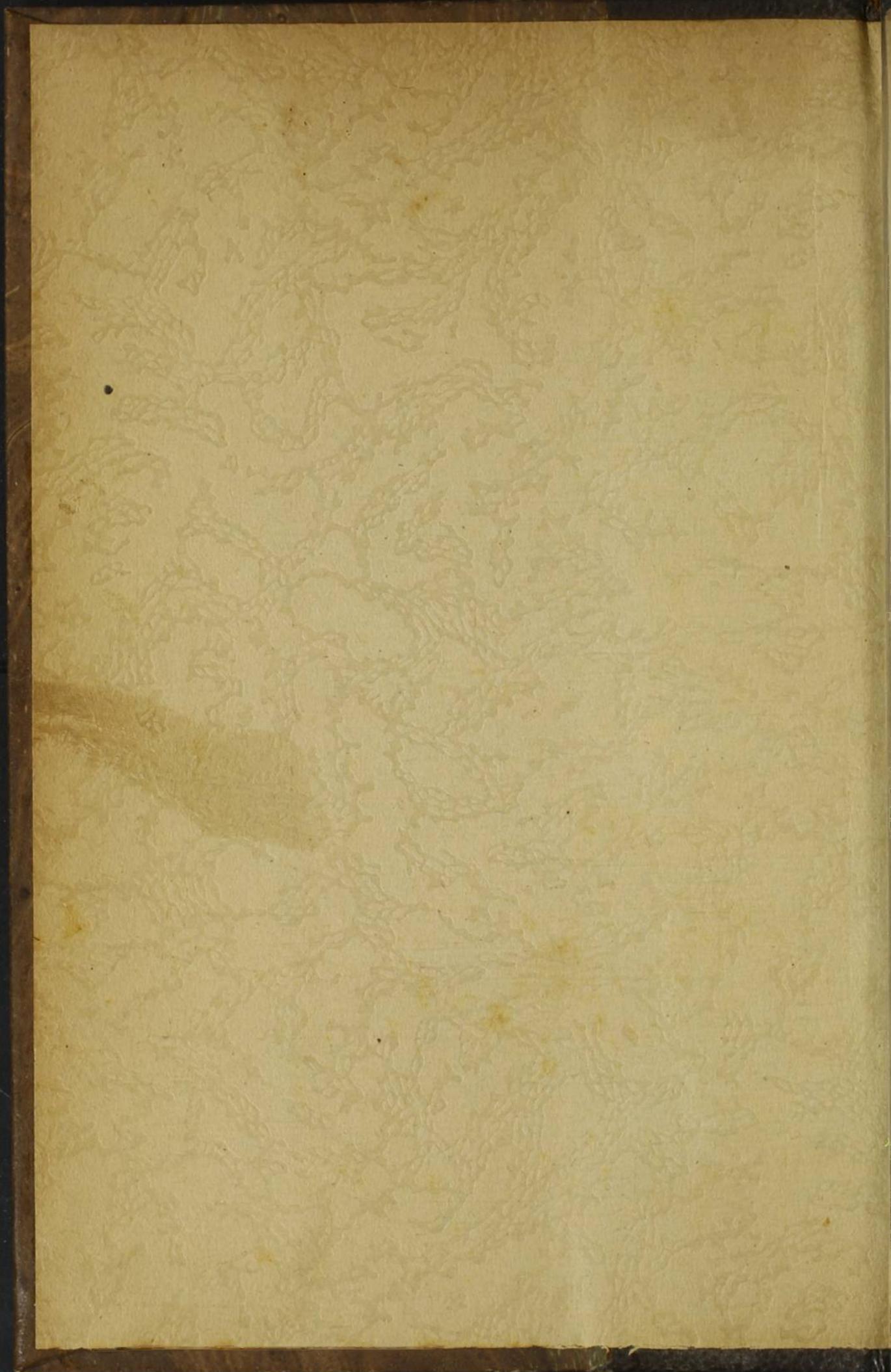
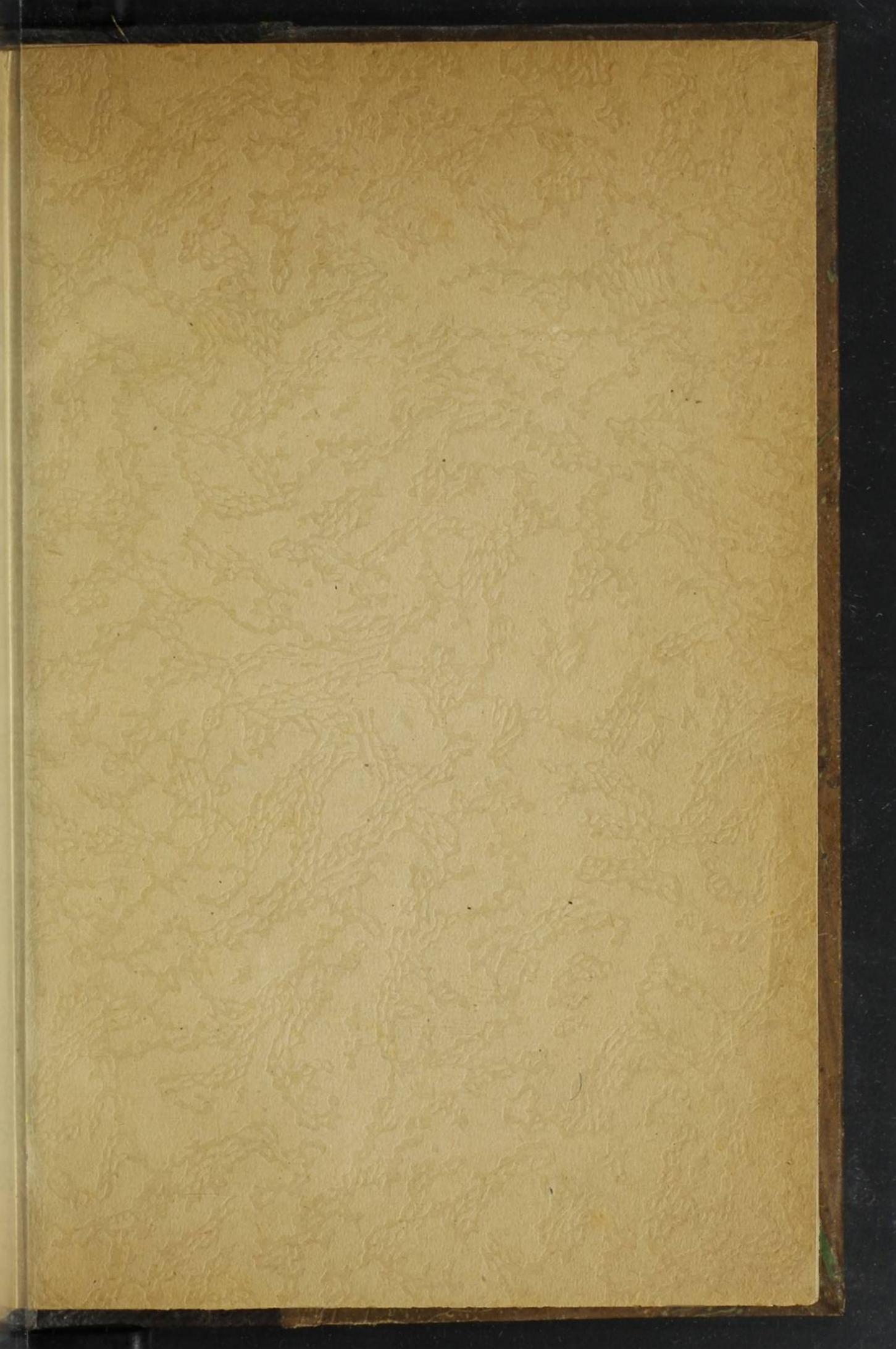
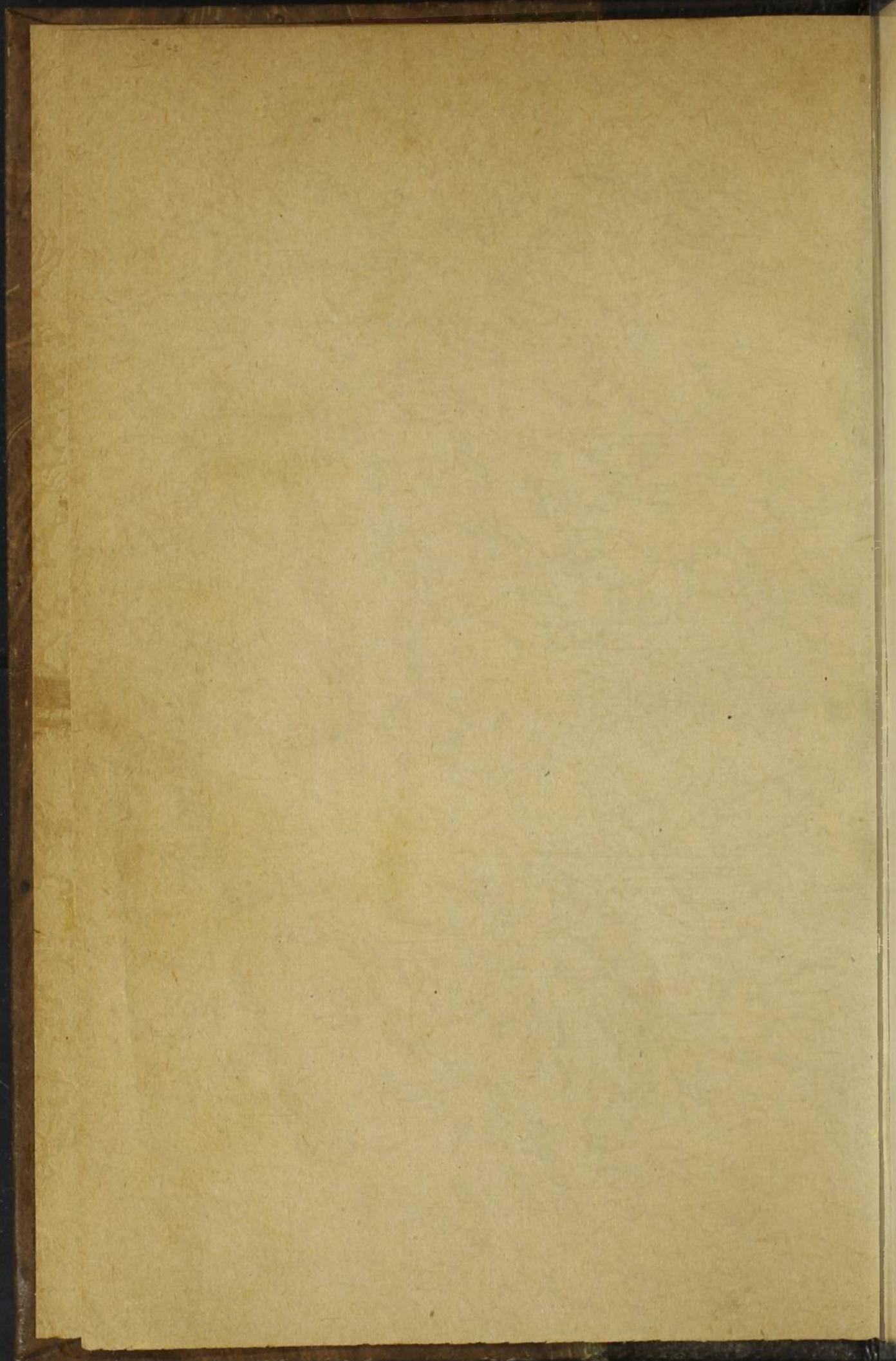


O MARQUEZ
DE
BARBACANA









DOS PODERES CONFERIDOS
A HUM BRAZILEIRO,
QUAL
O MARQUEZ DE BARBACENA,
PARA TRATAR COM O GOVERNO DA GRAN BRETANHA
SOBRE OS NEGOCIOS DE PORTUGAL;
E DA CONDUCTA DESTE AGENTE EM LONDRES.

O MARQUEZ de Barbacena, tão famoso na guerra, como na paz; em tudo grande por seus feitos militares e politicos, como attestaõ muitas obras impressas no Rio de Janeiro, particularmente a do celebre Bacharel Cardozo, que, sendo mandado escrever por S. Exc. em seu louvor, com o fim de rebater as calumnias de seus detractores, teve S. Exc. de dár-lhe trezentos mil reis, além da despeza do papel e da impressaõ, para não fazer publica a dita obra, nem taõ pouco mostra-la a pessoa alguma; e isto depois de ter sido corregida e augmentada por S. Exc., pois que o Bacharel Cardozo não se recordava de todas as acções gloriosas do seu heroe, taes como as que o immortalizáraõ na rua de João Pereira na Bahia, e nas margens do Camacuam e campos de S. Gabriel; obra que por certo faria a fortuna do nosso Cardozo, se lhe fosse permittido publica-la e vende-la; sim, o Marquez de

Barbacena, que nos faz lembrar muitas vezes os antigos Pares de França, e os *grandes homens da antiga monarchia Brazileira, de que falla a historia*; foi authorisado pelo Imperador, seu amo, para tratar com o Governo Inglez sobre os negocios de Portugal; porém não foi tão feliz nesta commissão como nas de emprestimos e casamentos, por que o Governo Inglez abanou-lhe as orelhas, e ficáraõ portanto baldadas todas as suas diligencias e fadigas, ainda que elle Marquez de Barbacena não teve outro trabalho mais do que assignar as Notas que se lhe faziaõ, e de receber as sommas que se lhe entregavaõ para o seu decente tratamento em Londres. Mas o nosso objecto hé mais serio, o nosso objecto não hé metter a ridiculo o Marquez de Barbacena, que póde sem duvida ter feito grandissimos serviços ao Imperador do Brazil; que póde sem questaõ ser considerado como hum novo Pitt por sua profunda politica e saber; e por hum General tão afamado como os da Escola de Marengo, e Austerlitz; que pode sem hesitação ser reputado como hum dos homens que, por sua elevação e cathegoria, e por se achar versado nos negocios diplomaticos e politicos das Nações, estava nas circumstancias de entrar em dicussão com o Governo da Gran Bretanha sobre assumptos tão importantes e delicados, como os que dizem respeito ao cumprimento de solemnes Tratados; para isto tudo, e por tudo isto póde ser considerado o Marquez de Barbacena; o nosso fim porém hé outro, o nosso fim reduz-se a lastimarmos o estado de degradação a que chegamos nós os Portuguezes, que, existindo em Londres huma regencia e hum Embaixador, permittio-se que Felisberto Caldeira, *agente das nossas antigas colonias*, tratasse com o Governo Inglez sobre os negocios de Portugal! Não o

acredite a posteridade, mas sintá-o, e lamente-o a presente geração.

Diga-se muito embora que aquella regencia era illegal, e que por isso não podia nem sequer complimentar o Governo de Inglaterra, quando este passasse por alguma das ruas de Londres, quanto mais tratar com elle sobre as cousas de Portugal; mas que, a pesar da sua illegalidade, os seus membros exercião as suas funcções! Diga-se muito embora que esta regencia não passou de huma farça, em que todos os seus actores fizeraõ hum papel ridiculo e desprezivel aos olhos da Nação Inglesa, e dos Emigrados Portuguezes! Diga-se, em fim, tudo quanto se quizer dizer de huma regencia nulla de facto, e de direito; nulla de facto, por que não servia para cousa alguma na situação em que se achava collocada, e nulla de direito, por ser decretada em nome de quem não podia já chamar-se Rei: porem não se diga que não tinhamos hum Embaixador na Corte de Londres, ou, se o tinhamos, elle era taõ nullo e incompetente como aquella regencia, por se ter demittido de suas funcções diplomaticas, e não ter sido de novo recebido; querendo humas vezes acreditar-se com as credenciaes de hum Tutor, outras vezes com os diplomas de huma Rainha menor! Não se diga tal; não se diga que não tinhamos hum Diplomata em Londres, por que a dizer-se avança-se hum absurdo, huma contradicção, em fim huma falsidade, á vista do muito que se tem dito, escripto e publicado sobre a existencia de hum Embaixador Portuguez junto de S. M. Britannica, o qual Embaixador, passando, não há ainda muito tempo por Dover, foi

ahi recebido, saudado e salvado como tal, e não a Princeza de Esterhazy, que não vinha de calções, nem era Embaixador.

Mas houvesse, ou não houvesse Embaixador em Londres; quizesse, ou não quizesse o Governo Inglez tratar com elle, não vemos que hum Brasileiro fosse a pessoa propria e adequada para tratar das cousas de Portugal.—“Os negocios correriaõ entaõ á revelia, e hoje estaria tudo perdido”—(diraõ muitos—) porém qual foi o resultado das reclamações do Marquez de Barbacena, perguntaremos nós? Todo o mundo o sabe; mas o que nem todo o mundo sabe, hé a nullidade do Imperador do Brazil, que nenhuma influencia tem nos Gabinetes Europeos; e que ao tempo em que o seu agente em Londres fazia reclamações ao Governo Inglez, fazia elle no Rio de Janeiro protestações aos Ministros de Inglaterra, e d’Austria, da sua intenção de annuir aos conselhos dos seus Alliados no arrançamento dos negocios de Portugal! Em todo o caso porém na falta de hum Embaixador, ou de hum agente Portuguez, ou mesmo de huma regencia legalmente constituida, para tratar com o Governo da Gran Bretanha, não vemos que hum agente Brasileiro fosse, como já dissémos, a pessoa propria para entrar em taes negociações, nem taõ pouco que da sua falta se seguisse prejuizo algum á cãusa da Rainha, e muito principalmente achando-se o Governo Inglez disposto, como se achava, a não annuir á prestação dos soccorros que se lhe pediaõ, fundado, bem ou mal, em que nem na letra, nem no espirito dos Tratados feitos com Portugal, ou em outra qualquer Convenção, existia obrigação pela qual a Gran

Bretanha devesse prestar esses soccorros. E se muitas vezes temos visto que o cumprimento de mui claros, e explicitos Tratados só se pede com as armas na mão, *que esperavaõ que conseguisse na Europa hum agente Brasileiro?*

Grande e respeitavel hé por certo a Inglaterra; grande e illustrado o seu Governo; grande tem sido em todos os tempos a sua influencia e preponderancia no Gabinete de Lisboa, e por ventura deixou algum Portuguez, digno deste nome, de lamentar a pessima politica de se terem dado plenos poderes a Sir Charles Stuart para o arranjo dos negocios do Brazil? Nem hum só Portuguez deixou entaõ de manifestar o seu desgosto por este passo do Governo Portuguez, considerado como offensivo dos interesses, do decoro e da honra da Naçaõ; miseria sobre a qual até os proprios papeis de Inglaterra, como o *Times*, fallaraõ largamente, ponderando de mais a mais, a circumstancia de ser Sir Charles Stuart ao mesmo tempo o agente da Potencia Mediadora, que se obrigava a manter o Tratado da separaçãõ, e independencia do Brazil. Ora, se nós os Portuguezes nos démos entaõ por offendidos pela escolha que se fez de Sir Charles Stuart, que naõ era nenhum Felisberto Caldeira, mas hum Ministro de Inglaterra, e que já tinha sido Enviado Extraordinario junto da Regencia de Portugal, e membro d'esta mesma Regencia, para ir tratar, naõ com huma Naçaõ, porém com huma colonia nossa, que se havia revoltado, ou para melhor dizer, para ir tratar com o chefe de hum partido rebelde, e por consequencia com hum inimigo de Portugal, que nenhuma relações conservava na Europa, nem era considerado, ou tido em conta alguma pelas Potencias Es-

trangeiras; e que não tinha emfim existencia alguma politica; com quanta mais razão nos devemos dár por offendidos pela nomeação de hum Brasileiro, que foi daquelle mesmo partido rebelde, para tratar com o Governo de S. M. Britanica sobre o arranjo dos negocios de Portugal? Parece que o pudor, e a honra desapareceraõ d'entre os Portuguezes! E que interesse pôdem, ou devem tomar as Nações por homens que insensivelmente tem perdido aquelle character nacional, que fazia a gloria do nome Lusitano, outr'ora taõ famoso, taõ temido e taõ respeitado no universo? Parece que já não há hum Portuguez!

A natureza, e a diversidade das negociações não faz mudar a qualidade e circumstancias do negociador.—Charles Stuart será sempre hum Inglez; Felisberto Caldeira será sempre hum Brasileiro.

Naõ se diga que o Marquez de Barbacena vinha já munido desses poderes; que não havia tempo a perder; não se diga tal, por que todos sabem o contrario; todos sabem que o Marquez de Barbacena chegou á Europa sem essas instrucções, ou poderes de que tanto se tem fallado; que na falta de huma regencia, ou mesmo de hum Embaixador, existia entre os Portuguezes Emigrados hum ou outro, que, por seu saber e mais circumstancias, estava nos termos de poder desempenhar satisfactoriamente a missaõ de que se incumbio o Marquez de Barbacena, com tanto que esse Portuguez fosse competentemente authorisado; e finalmente, que mais tempo do que se tem perdido com as anomalias, e contradicções de toda a ordem,

que a Europa e os Emigrados tem presenceado, não era possível perder-se, mesmo quando hum agente Portuguez nada conseguisse do Governo Inglez, assim como tambem não era possível consumir-se tanto dinheiro com menos utilidade.

E quaes foraõ as consequencias que se seguiraõ de conferir poderes a hum Brasileiro para representar na Europa; e quaes as vantagens que d'ahi resultáraõ á causa dos Emigrados? A nomeação de hum Ministro e Secretario de Estado, e outros despachos, sem o que nem o Marquez de Barbacena fazia de rei na Comedia, que se representou em Londres, nem o Marquez de Palmella de seu primeiro Ministro e Confidente! Quem tal diria? E digaõ ainda que os Brasileiros não são para nada. Quem a não ser hum Brasileiro faria hum Ministro de Estado em Londres? E quem a não ser hum Ministro de Estado de hum Brasileiro daria commendas e Cartas de Conselho em Inglaterra? Resta porém saber, se o barbeiro, e o moleque do Sr. Felisberto Caldeira tambem foraõ feitos Commendadores e Conselheiros, por que desta forma podiaõ dár-se Commendas e Cartas de Conselho a todo o mundo, inclusive aos subditos *vendiveis do Imperio Constitucional*.

Naõ se pense que gracejamos com objectos taõ serios e de taõ alta transcendencia: dizer que o Marquez de Barbacena, achando-se em Londres, noméara hum Ministro e Secretario de Estado para si, e por *hum carta regia*, hé dizer huma verdade que não precisa de demonstração, por que hé taõ clara como a luz do dia.

Que o Marquez de Barbacena fizesse o papel de rei na Cachoeira, e despachasse boticarios e fabricantes de moeda falsa em Barões, Condes, e Marquezes, não seria para admirar, por que no Brazil tudo se tem feito, e tudo se pode fazer; porém que se lembrasse de abusar de suas instrucções, se hé que as tinha, ao ponto de commetter taes escandalos, sem exemplo na historia dos poderes illimitados, ou do poder absoluto, e á face do mundo civilisado, com offensa dos Governos e da moral publica, hé o que espanta, e o que ainda hoje parece hum sonho!

Faremos huma reflexão á cerca dos poderes illimitados, de que o Marquez de Barbacena se dizia munido. A Rainha hia para Vienna d' Austria, como todos sabem, e o Marquez de Barbacena trazia poderes para nomear hum Ministro de Estado em Inglaterra! A Rainha chegou a Falmouth no dia 24 de Setembro; entrou em Londres em 6 de Outubro, e o Ministro foi nomeado em 2 de Janeiro, tres mezes depois da sua chegada a Inglaterra! Isto faz-nos lembrar aquellas celebres instrucções preventivas de que se achava munido o Visconde de Itabayana, em virtude das quaes o Imperador, seu amo, foi servido demitti-lo!

Desejamos fazer aqui ponto a respeito do Marquez de Barbacena; quizeramos lançar hum véo sobre tantas monstruosidades; desejamos em fim não ter olhos para vêr, nem coração para sentir; porém não hé possivel; a desgraça e a infamia a que nos reduzirão, e a humilhação a que nos leva-

raõ, fazendo-nos dependentes de hum agente Brasileiro, obriga-nos a proseguir a respeito do Marquez de Barbacena.

Tem-se louvado a escolha do Sr. Barbacena para tratar com o Governo Inglez sobre os negocios de Portugal; tem-se elogiado a sua conducta na Europa, apresentando-o aos olhos dos Emigrados Portuguezes como o seu salvador; tem-se dito que a elle, e a mais ninguem devem os mesmos Emigrados a sua subsistencia e a sustentação da sua causa, por que se não fôra elle estariaõ hoje no abandono, concebido e ordenado pelo grande Imperador, seu amo; tem-se allegado todos os seus actos passados, presentes e até futuros como outros tantos serviços relevantes feitos á causa da Rainha e dos Emigrados; tem-se enfim enramado o Marquez de Barbacena com todo o louro do mundo! O mesmo Bacharel Cardozo não diria tanto do seu heroe. Tudo isto se tem dito do Marquez de Barbacena; porém nós sustentaremos sempre o contrario; diremos que o Sr. Barbacena terá feito sem duvida importantissimos serviços ao Imperador do Brazil, como dissemos no principio deste artigo (longe de nós contestar hum facto) mas nunca á causa da Rainha, nem aos Emigrados, mesmo não o considerando já como Brasileiro, males, alguns fez com a sua vinda a Inglaterra, serviços, nunca. E se não temos já provado isto de sobejo com o que deixámos expendido, entã pondere-se o seguinte, que reduzimos a artigos para maior clareza e menos duvida.

1°. O resultado das reclamações feitas pelo Marquez de Barbacena.

2°. A triste situação em que se achou collocada a Senhora D. Maria 2ª., e o papel melancolico que fez em Inglaterra, como se prova dos discursos, que se publicáraõ em Londres, por occasião do seu regresso ao Brazil, verificando-se á risca o que disse, por occasião da sua chegada á Europa, a gazeta de Lisboa.

3°. Os embaraços que occorreraõ desde entaõ : a complicação e a desordem nos negocios, promovida por cada hum dos agentes, já no Rio de Janeiro, já em Londres, como se estivessem apostados a não obrar d'accordo.

4°. A ridicula figura que fez o Marquez de Palmella em Londres carregado de nomeações, a qual d'ellas mais absurda, mais contradictoria, e illegal; perdendo de dia para dia a confiança entre os Emigrados,* e essa tal ou qual influencia e consideração, que ainda tinha para com as Potencias Estrangeiras.

5°. A despeza feita em Laleham com hum estado inutil, e desnecessario, e com outros objectos, &ª. &ª.

6°. As privações que desde entaõ começáraõ a sofrer os Emigrados, e o progressivo augmento dos seus desgostos.

7°. As cinco mil Libras esterlinas gastas no Hotel de Ports-

* Alguem nos perguntará se elle M. de Palmella teve alguma vez a confiança dos Liberaes, ou se a sua conducta lha podia merecer?

mouth com huma mesa de estado, que a immoralidade não duvidou apresentar em contraste com a miseria, com a fome, e com a nudez de muitos dos nossos compatriotas em Plymouth, e Bruges.

8°. O convite para o Brazil, feito de bordo da Fragata Imperatriz, com promessas de generosa hospitalidade, mas com o perverso fim de reduzir os Portuguezes Emigrados á condição de colonos, como aconteceu aos que chegaraõ ao Rio de Janeiro.

9°. A actual situação dos Emigrados a quem cadavez mais se difficulta o pagamento dos seus subsidios.

10°. As immensas sommas consumidas ; o credito perdido, a opiniaõ perdida, e o tempo perdido.

11°. O estado, finalmente, dos negocios de Portugal.

Pondere-se por hum pouco sobre tudo isto que não são calumnias, nem aleives, que não são raciocinios ou vagas conjecturas, nem pomposos e eloquentes discursos ; porem factos passados aos olhos de todos, e infelizmente conhecidos de todo o mundo, e responde-se.—Quaes foraõ e tem sido os serviços feitos pelo Marquez de Barbacena á causa da Senhora D. Maria 2ª, e aos Emigrados ; e quaes os bens que resultáraõ da sua vinda a Inglaterra ?

E quem não vê por outro lado a injuria, que se faz á justiça

da causa quando se diz—que ao Marquez de Barbacena se deve o não estar hoje perdida—? E quem não vê o desacordo de algumas pessoas, quando asseguraõ—que ao Marquez de Barbacena devem os Emigrados a sua subsistencia, quando estes mesmos Emigrados estaõ desde muito tempo lutando entre a fome e a miseria, pela falta de pagamento dos seus subsidios? Digaõ muito embora que o Sr. Barbacena, que nós apenas conhecemos pelos actos da sua vida publica, e que póde aliás ser hum perfeito cavalheiro, fez grandissimos serviços ao Imperador do Brazil na sua vinda á Europa, por que hé hum facto ter vencido grandes difficuldades para effectuar esse casamento, depois de tantas repulsas das filhas das casas mais pobres e obscuras da Italia; mas não digaõ—que o Marquez de Barbacena fez serviços á causa da Rainha e aos Emigrados; nem taõ pouco—que ao Marquez de Barbacena devem os mesmos Emigrados o não se acharem hoje abandonados, e a sua causa perdida; digaõ tudo quanto quizerem do Sr. Barbacena, teçaõ-lhe corõas de rozas, erijaõ-lhe estatuas por toda a parte, e cantem os seus feitos politicos e militares, e mesmo as suas virtudes, por todas as ruas e Parks de Londres, menos que ao Marquez de Barbacena se devem serviços, que não fez.

Todavia não faltará quem impugne nossas humildes reflexões taxando-as de subversivas, e como tendentes e calculadas a prejudicar a causa da legitimidade; não faltará quem diga —“ O homem das NOÇÕES não está na causa; vendeo-se; hé mais hum perjuro; hé mais hum infame.”—Sim, não faltará quem diga tudo isto e ainda mais; por que sempre foi esta a

marcha da vil dependencia, e muitas vezes do crime quando
alguem ousa levantar a voz da verdade a favor da causa pu-
blica, e não dos interesses particulares—*de hum ou outro sevandija*
com a mascara de Liberal. Em todo o caso porém, o homem das
NOÇÕES, que não embaraça, nem nunca embaraçou, nem jámais
embaraçará os caminhos, e as avenidas por onde se especulaõ,
e esperaõ os empregos e as mercês, ficará immovel, e sofrerá
com resignação e paciencia os tiros da vileza, do odio e da
maledicencia, em quanto não publica outras NOÇÕES.

FPM

13.50

010470

